

Vertigem de Curiosidade – análise das relações de gênero estabelecidas entre goianas e viajantes europeus no século XIX

Liliane Machado

RESUMO

O artigo é uma análise das representações de gênero nas obras *Viagem ao Interior do Brasil*, de Georges Gardner e *Viagem à Província de Goiás*, de Auguste de Saint-Hilaire. Como aporte teórico-metodológico, utilizo as teorias do imaginário, os estudos feministas e de gênero bem como a análise de discurso francesa. Abordo a história como um construto social que expressa valores, medos e anseios de uma época. Dessa forma, percebo que as representações dos viajantes são marcadas pelos conflitos de gênero e pela pressuposição de que as mulheres teriam uma essência biológica.

Palavras-chave

Relatos de Viagem. Gênero. Mulheres. Representações Sociais. Goiás.

ABSTRACT

The article is an analysis of gender representations in *Viagem ao Interior do Brasil*, by Georges Gardner, and *Viagem à Província de Goiás*, by Auguste de Saint-Hilaire. As methodological and theoretical support, it is used imaginary theories, gender and feminist studies as well as french analysis of discourse. Thinking History as social construct that expresses values, fears and expectations of some period and place, foreign travelers representations are marked by gender conflicts and by the presupposition that women had biological essence.

Key Words

Travellers Reports. Gender. Women. Social Representations. Goiás/Brazil.

Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Doutora em história pela UnB, defendeu em 2006 a tese "E A Mídia Criou a Mulher: como a TV e o Cinema constroem o sistema de sexo-gênero" e mestra pela mesma instituição, onde defendeu, em 1999, a dissertação "O Espelho de Narciso: Imagens da Mulher Goiana no Discurso Urbano do Século XIX".

Recebido em 30/06/2010. Aprovado em 30/09/2010.

Salta aos olhos a enorme atenção que os hábitos, costumes e características físicas das goianas despertaram nos viajantes europeus que visitaram o estado de Goiás (então província) na primeira metade do século XIX. Ao lermos os relatos de viagem de naturalistas como Saint-Hilaire, Gardner e Pohl, sucedem-se comentários, dispostos em parágrafos e/ou páginas seqüenciais, sobre minúcias relativas às roupas, ao andar e, até mesmo, em relação ao olhar das habitantes do Centro-Oeste do país. Difícil não perceber nessa atitude dos viajantes a expressão de uma vertigem de curiosidade em que se alternam voyeurismo, desprezo pelo objeto analisado e, principalmente, uma enorme dificuldade de se lidar com o diferente, com o que não lhes é familiar, com o que lhes escapa a definição.

As goianas, de fato, representaram vários desafios para os viajantes de então. Além de mulheres, eram habitantes de uma terra inóspita, hostil e semi-selvagem (segundo depreende-se das considerações formuladas pelos autores), pobres, de raças díspares - indígenas, negras, consideradas inferiores às suas de origem - e sem instrução. Originar-se-ia um confronto marcado não apenas pelas desigualdades de gênero, de raça, etc., mas, também, pelas desigualdades de oportunidades de expressão. Coube unicamente aos viajantes a possibilidade de registrar suas impressões, em obras lançadas posteriormente à visita à região e, até hoje, reeditadas, analisadas e comentadas, o que demonstra seu prestígio e credibilidade.

Já as goianas, não tiveram a mesma oportunidade. Suas impressões sobre os homens que as olhavam tão insistentemente, possivelmente, nunca foram registradas enquanto que a memória oral desse confronto perdeu-se com o suceder das décadas.

A impossibilidade do colonizado de registrar ou, em outros casos, de ter respeitadas suas impressões sobre o colonizador, visto que muitos indícios foram destruídos, não é um fato novo, muito menos exclusivo do caso sobre o qual detenho-me.

Alguns estudos históricos contemporâneos têm revelado preocupação por parte de seus autores com o silêncio dos grupos discriminados. É um dilema,

visto que, quando ocorre um confronto de idéias e impressões, como suponho que tenha ocorrido entre os viajantes europeus e as goianas, só há a possibilidade de se perscrutar um único lado, sem que ao outro seja dada a chance de se fazer ouvido.

Diante de tal fato, resta-nos a estratégia de seguir uma outra via, conforme farei neste artigo: deter-nos sobre o discurso do colonizador sob um prisma crítico, que considera a produção literária, entre outras, como uma prática discursiva. Spink observa que as práticas discursivas implicam em:

“ações, seleções, escolhas, linguagem, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão. Constituem dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentidos no cotidiano”.¹

Dessa forma, os relatos dos naturalistas europeus perdem o status de verdade incontestável sobre uma época - status esse que lhe foi atribuído muitas vezes antes - para ser percebido tão somente como um quadro de pensamento temporal que permite entrever medos, angústias, desejos e preconceitos que integram as características dos imaginários sociais.

Pesavento observa que a noção de imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade².

Entretanto, tais expressões não podem ser tomadas como um espelho da realidade. Segundo a autora “Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente”³.

Portanto, meu propósito nesse artigo é deter-me sobre os relatos de dois viajantes europeus que visitaram a então província de Goiás na primeira metade do século XIX: Viagem à Província de Goiás, de Auguste De Sainte-Hilaire e Viagem ao Interior do Brasil, de George Gardner, para buscar as representações de gênero ali contidas, as quais serão analisadas sob a perspectiva de um aporte teórico de feministas pós-modernas. Scott afirma que o gênero é uma poderosa categoria de análise:

¹SPINK, Mary Jane. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez /2000, p. 38.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o Imaginário”. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, no. 29, 1995, p.15.

³ Id., Ibid.

⁴ Le genre est (...) un moyen de décoder le sens et de comprendre les rapports complexes entre diverses formes d'interaction humaine. Quand les historien(ne)s cherchent à trouver les manières donc le concept de genre légitime et construit les rapports sociaux, ils/elles commence à comprendre la nature réciproque du genre et de la société et les manières particulières, et situés dans les contextes spécifique, dont la politique construit le genre et le genre construit la politique". Tradução livre. SCOTT, Joan. "Genre: une catégorie utile d'analyse historique". La Pensée Féministe Contemporaine: Quelques Débats". (org.) Francine Descarries. Montreal, Canadá: UQAM, 1998, p.144.

O gênero é (...) um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as/os historiadores(as) procuram encontrar as maneiras pela qual o conceito de gênero legitima e constrói as relações de gênero, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares, situadas dentro de contextos específicos, em que a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.⁴

Olhares estrangeiros sobre a flora, fauna e a sociedade brasileira:

Observe-se que os relatos foram escritos paralelamente à missão científica que os naturalistas europeus cumpriram, sob os auspícios governamentais dos seus países de origem, e que consistiram prioritariamente no estudo de espécimes da fauna e flora brasileira. À medida que percorriam o país iam travando contato com a população local e elaborando anotações que, posteriormente, foram publicadas somando-se aos estudos científicos propriamente ditos.

São relatos saborosos, escritos de maneira fluida e repletos de casos engraçados sobre os habitantes, ora esmiuçando segredos da culinária local, ora descrevendo jantares, festas religiosas, crendices e outras peculiaridades. Entretanto, deter-me-ei exclusivamente sobre as considerações relativas às goianas. Diante da variedade de temas e da impossibilidade de analisá-los separadamente, devido ao exíguo espaço de que disponho aqui, como fiz originalmente na dissertação de mestrado *O Espelho de Narciso: Imagens da mulher goiana no urbano do século XIX*, farei uma abordagem geral sobre as representações, que incluem referências a temas díspares, tais como desempenho social, tipos de vestimenta e hábitos cotidianos. Utilizarei como metodologia a análise de discurso francesa, partindo do pressuposto de que as verdades contidas nos relatos de viagem podem ser vistas por outros prismas, como o da misoginia, do preconceito de gênero e, em última instância, pela dificuldade de se li-

dar com o que é diferente, com o que foge ao familiar, ao convencional.

Maingueneau⁵ observa que a análise de discurso associa intimamente a organização textual e a situação de comunicação. Exige-se do analista uma atenção constante sobre as normas da lingüística bem como sobre as injunções histórico/sociais sobre o período em que o discurso foi formulado. Foucault, um dos grandes inspiradores da AD francesa – forma abreviada para se designar a análise de discurso de origem francesa – observa que para se proceder à análise arqueológica do discurso é preciso observar que:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais”⁶.

Dessa forma, o analista não se arvora o papel de um intérprete da obra, preferindo, ao contrário, observa Foucault⁷, limitar-se a descrição do discurso-objeto, ciente de que todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Afinal, buscar as regularidades não se confunde com procurar invenções de qualquer natureza, estilística ou de conteúdo, por exemplo. O propósito é “revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais, ou por alguns de seus predecessores”⁸.

Como disse anteriormente, é notória a curiosidade que as goianas exerceram nos viajantes europeus e a forma nada simpática como elas foram descritas e analisadas, originando, assim, uma das regularidades mais perceptíveis das obras em questão: o desprezo. Essa forma de abordagem aplica-se a diferentes temas como o referente à maneira como as goianas vestiam-se, sobre o que elas conversavam, como se comportavam em público e, por fim, como elas recebiam seus hóspedes.

⁵ M A I N G U E N E A U , Dominique. Análise de Textos de Comunicação. 2ª. Ed., São Paulo: Cortez, 2002, p.12.

⁶ FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.82.

⁷ Id., Ibid., p.165.

⁸ Id. Ibid.

⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à Província de Goiás. São Paulo: EdUSP, 1975, p.27.

¹⁰Id., Ibid., p.27.

¹¹GARDNER, Georges. Viagem ao Interior do Brasil. São Paulo: EdUSP, 1975, p.24.

¹² Id., Ibid., p.158.

¹³ Id., Ibid., p.189.

Segundo depreende-se dos comentários de Saint-Hilaire, a maioria era muito pobre e nutria um imenso desejo de consumir roupas, jóias e acessórios:

Não há (...) nenhuma mulher que não queira ter um vestido de boa qualidade, um colar, um par de brincos, um lenço de musselina, uma capa de lã, um chapéu de feltro⁹.

O viajante, de origem francesa, que passou vários anos percorrendo diversos estados do Brasil, incluindo, além de Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará, entre outros, não justifica esse possível desejo com algum comentário emitido pelas próprias mulheres. Todavia, deixa entrever, que isso ocorre devido à extrema pobreza em que vivem. Relata-nos surpreso, após a conversa com um pároco local ter sido informado por este que “acontece muitas vezes que todas as mulheres de uma mesma família se apresentem diante dele, uma de cada vez, usando o mesmo vestido”¹⁰.

Delegantas e mal vestidas, aos olhos de Saint-Hilaire, elas também tinham hábitos bizarros, como o de fumar ou usar arco e flecha, conforme relata Gardner, com evidente assombro: “Nas longínquas províncias de Goiás, Mato Grosso e Piauí, as mulheres de quase todas as classes sociais são tão afeitadas ao cachimbo como os homens”¹¹. Mais à frente ele volta a se mostrar surpreso com o fato das mulheres fumarem em público: “Aqui o hábito de fumar é universal entre as mulheres; e da manhã à noite, raro lhes sai da boca o cachimbo, com longo canudo de pau, de cerca de três pés de altura”¹². Quando trava contato com uma tribo de indígenas seu olhar recai novamente sobre o comportamento feminino: “A educação de uma moça não se considera completa senão quando aprende a utilizar o arco”¹³.

O processo civilizador em Goiânia

Infere-se, dos comentários transcritos acima, primeiro, que a elegância é fator importante na vida das mulheres, segundo, que não lhes é permitido fumarem em público e, terceiro, que não lhes cabe

manusear armas como o arco. Entretanto, partindo-se de um pressuposto diferente dos viajantes, é possível indagar sobre a lógica de tais normas e porque é tão importante segui-las.

No decorrer do século XIX as normas de conduta social em vários países da Europa eram bastante rígidas e tinham um enorme alcance significativo. De acordo com Norbert Elias, na obra *Processo Civilizador*: “transformam imediatamente em arma contra os inferiores sociais, em uma maneira de separar. O lenço, o garfo, os pratos individuais e todos seus implementos correlatos são, no início, artigos de luxo dotados de um valor de prestígio social especial”¹⁴. Ainda que o autor refira-se aqui especificamente às normas de conduta à mesa, é possível afirmar que o domínio em geral das normas sociais colocam tais pessoas em um patamar diferente dos demais mortais: é sinônimo de riqueza e de *status* assim como saber vestir-se e ter dinheiro para fazê-lo, o que absolutamente não era o caso das habitantes de uma colônia que dispunha de pouquíssimos recursos econômicos.

Além de demonstração de pobreza, o desempenho social das goianas também revelava o quão pouco elas correspondiam à imagem pública que delas era esperado. Michelle Perrot, ao analisar o espaço público das cidades na França, no decorrer do século XIX, observa que homens e mulheres situavam-se em duas extremidades da escala de valores: “Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função social, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido”¹⁵. Já com relação às mulheres: “Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz a ‘rapariga’ – pública é uma ‘criatura’, mulher comum que pertence a todos”¹⁶.

Perrot deter-se-á sobre vários hábitos, lugares e ambientes permitidos ou não às mulheres e também sobre as razões para que isso ocorra. Em relação ao caso específico do fumo, a feminista francesa observa:

As mulheres também não devem fumar em público, o que, no entanto, algumas delas faziam normalmente nos séculos XVII-XVIII, a acreditar em documentos daquela época. O uso do tabaco masculiniza-se nos séculos XVIII-XIX (...) foi com a chegada do cigarro in-

¹⁴ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p.154.

¹⁵ PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Ed.Unesp, 1998, p.07.

¹⁶ Id., *Ibid.*

¹⁷ Id., Ibid., p.43.

¹⁸ Conf. PERROT, Michelle. op. cit., p. 43 e 46.

¹⁹ Conf. RAGO, Margareth. “Trabalho Feminino e Sexualidade”. In: História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org.). São Paulo: Contexto, 1997.

²⁰ Conf. NAVARRO-SWAIN, Tânia. “A Invenção do Corpo Feminino ou A Hora E A Vez do Nomadismo Identitário”. In: Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB (Org.). Tânia Navarro Swain. UnB, 2000, vol. 8, n1/2, pág. 56.

glês ou americano, fumado em particular e depois nos terraços dos cafés, graças principalmente à piteira, acessório elegante dos anos 1930, que as mulheres recomeçaram a fumar¹⁷.

O fumo é apenas um dos itens que integra a extensa lista de interditos impostos às mulheres naquele período, conforme depreende-se da obra de Perrot¹⁸, e que incluía também a proibição de exposição do corpo, dos cabelos – que deveriam ser presos e cobertos por chapéus e lenços – do exercício de tarefas públicas, entre outros. Essa situação desencadearia uma série de reivindicações feministas no decorrer do século XX provocando movimentos como a luta pelo acesso aos direitos trabalhistas e ao direito ao voto, entre outros¹⁹.

Também desperta a atenção nos comentários dos viajantes a pressuposição de que todas as mulheres teriam uma essência que as impeliria a terem comportamentos e gostos semelhantes em qualquer parte do mundo, seja no Brasil, na França (país natal de Saint-Hilaire) ou na Escócia (terra de Gardner). A noção de essência feminina ou eterno feminino foi criada por pensadoras feministas para explicarem a idéia de que as mulheres possuiriam em sua biologia hormônios que resultariam em comportamentos específicos, tais como a sensibilidade, a fragilidade emocional, o instinto materno, a docilidade e a bondade, entre outras representações que associam a mulher (ser supostamente unívoco) à natureza. As mulheres que não correspondessem – ou que não correspondem a tais preceitos, se tivermos claro que a idéia da verdadeira mulher continua muito presente nas sociedades contemporâneas²⁰ – a essa prerrogativa seriam consideradas incompletas, aberrações da natureza.

Esse é o caso das goianas de então? Já vimos que muitas fumavam em público, que outras eram consideradas deselegantes e que outras – as mais selvagens, sem dúvidas – ousavam portar armas e manuseá-las. Elas rompiam com a noção de essência feminina e encarnavam um tipo quase que debochado e, muitas vezes, intratável, a julgar pelos comentários feitos pelos viajantes acerca da falta de

hospitalidade de muitas nativas bem como de sua timidez e falta de graça.

Saint-Hilaire reclama muito da maneira como é recebido pelas mulheres a quem pede hospedagem, água ou indicações sobre localizações de fazendas e cidades. Dependente de tais gentilezas, já que a região quase não dispunha de hotéis e similares, ele conta-nos entre pasmo e irado: “Uma mulher negra estava à porta, mas como ela não desejasse receber-nos ela nos garantiu que faltava apenas uma légua para chegarmos ao arraial”²¹. Mais à frente ele observa: “A mulher, a quem pedi licença para dormir em sua casa, respondeu-me que não tinha permissão do dono da casa para isso”²². Ainda mais indignado afirma, próximo a sua chegada à Cidade de Goiás, então capital:

Antes da minha chegada, a dona da casa, cujo marido estava ausente, quis instalar os meus homens num cômodo exíguo e de uma sujeira extrema. Eles lhe haviam pedido permissão para se alojarem no paiol, mas esse pequeno favor lhes foi negado²³.

Antes de analisar esses comentários, é importante observar que em várias outras passagens dos livros, Saint-Hilaire e Gardner farão alusão à maneira simpática e gentil com que foram tratados em determinadas ocasiões por mulheres que lhes ofereceram frutas, alojamentos confortáveis e outras comodidades. Entretanto isso é descrito como exceção, já que a regra parece ser a grosseria, conforme observa-se da afirmação de Gardner:

Quando chegamos, o homem estava fora trabalhando na roça, mas sua mulher nos recebeu com grande hospitalidade (...) tratando-nos de um modo bem diferente daquele a que estávamos desde a algum tempo acostumados”²⁴.

Saint-Hilaire, por sua vez afirma: “O sítio pertencia à mulheres brancas, que não se esconderam à nossa chegada e foram muito mais amáveis do que as de furnas”²⁵.

²¹ SAINT-HILAIRE, Auguste De. Viagem à Província de Goiás. São Paulo: EdUSP, 1975, p. 35.

²² Idem.

²³ Idem, p. 101.

²⁴ GARDNER, Georges. Op. cit., p.181.

²⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit., p. 101.

²⁶LAURETIS, Teresa de. "Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness". In: *Feminist Studies. S/R*, 1990, Vol. 16, n. 1, p.137-8.

²⁷Idem.

As frases "tratando-nos de um modo bem diferente daquele a que estávamos desde a algum tempo acostumados" e "não se esconderam à nossa chegada e foram muito mais amáveis do que as de furnas" expressam de maneira óbvia uma contraposição ao que é usual. Se, por um lado, demarcam a diferença, por outro, enfatizam a realidade de comportamentos bizarros e inadequados ao que se esperava das mulheres.

À medida que avançamos na leitura das obras dos viajantes europeus fica cada vez mais clara a idéia de que, para os autores, as mulheres teriam uma essência, uma identidade fixa e imutável que inclui predicados tais como beleza, vaidade, elegância, boa vontade, receptividade e outras similares. Sabemos ser essa uma premissa bastante difundida e que perdura nos imaginários contemporâneos, perpassando diferentes formações discursivas tais como a Biologia, a Medicina e a Igreja, cujos representantes são enfáticos na defesa das distinções naturais entre os sexos.

Lauretis²⁶ observa que as noções convencionais de experiência e identidade na contemporaneidade são totalizadoras e inadequadas. Para caminharmos em direção a uma nova consciência histórica e a um modelo pós-colonial, a autora²⁷ sugere o deslocamento de si mesmo, a des-identificação das condições dadas como garantia da existência. Caminho íngreme e cheio de percalços que ainda hoje não é trilhado por muitas mulheres, temerosas de serem ridicularizadas e/ou identificadas com uma aberração da natureza.

Se as novas configurações de gênero oferecem riscos diversos para quem as assume no mundo atual, não é difícil imaginar porque as goianas de então passaram a história como seres bizarros e selvagens. Ao negarem, ainda que involuntariamente, a fixidez colada ao gênero feminino, elas revestiram-se de uma faceta extravagante e incompreensível aos olhos de homens que eram estrangeiros, cientistas, e que se consideravam civilizados e bem educados. Elas encarnaram o outro, assimilando todas as conotações negativas da alteridade. Dessa forma,

passaram à história como seres mal-educados, feias e deselegantes e como tal ainda hoje são percebidas, particularmente por aqueles que tomam os relatos de viagem como a expressão da verdade e não como uma construção temporal, marcada, entre outros fatores, pela relação assimétrica entre os gêneros.

Fontes

GARDNER, Georges. Viagem ao Interior do Brasil. São Paulo: EdUSP, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste De. Viagem à Província de Goiás. São Paulo: EdUSP, 1975.

Bibliografia

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Vol.I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LAURETIS, Teresa de. "Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness" In: Feminist Studies. S/R, 1990, Vol. 16, no. 1.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Textos de Comunicação. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o Imaginário". In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, no. 29, 1995.

PERROT, Michelle. Mulheres Públicas. São Paulo: Unesp, 1998.

SCOTT, Joan. "Genre: une catégorie utile d'analyse historique" in La Pensée Féministe Contemporaine: Quelques Débats". (org). Francine Descarries. Montreal, Canadá, UQAM, 1998.

SPINK, Mary Jane. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. 2ª Ed., São Paulo: Cortez, 2000.

